

Verônica Campos Patti

**Além dos muros da escola: Estudo do Meio,
Interdisciplinaridade e Ensino de Geografia**

COGEAE/PUC

SÃO PAULO

2009

Verônica Campos Patti

**Além dos muros da escola: Estudo do meio,
Interdisciplinaridade e Ensino de geografia**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Magistério do Ensino Superior / COGEAE / Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof. Doutora Alda Luiza Carlini

São Paulo

2009

AGRADECIMENTOS

Meus mais sinceros agradecimentos:

À Prof. Dra. Alda Luiza Carlini, orientadora desta pesquisa, uma profissional que mostra o verdadeiro sentido de ser professor. Não somente pela sua fala, mas, sobretudo pelo seu exemplo. Soube intervir quando necessário e deixar caminhar quando possível!

Ao meu pai, por todo o carinho e por toda a atenção em minha vida escolar. Até por motivos de força maior, foi quem mais esteve ao meu lado na realização deste trabalho e debilitado, ainda perguntava-me como estava o andamento da pesquisa. Agora está pronta, pai!

A minha mãe, que realizou o curso de pós comigo, que está sempre ao meu lado, com seu olhar crítico, mas com o coração recheado de amor!

Ao querido Osmar, que além de me ajudar com todo o pré e pós-textual, ajudou com a confiança e companheirismo.

À Maluzita, que me fez compreender que embora nossa caminhada seja individual, nossa vida sempre se renova e pessoas importantes caminham ao nosso lado!

À Prof. Dra. Sonia Ignácio, que contribuiu muito para a reflexão acerca do projeto da pesquisa, mostrando que sempre podemos melhorar!

À turma pesquisada que sempre me tratou gentil e cordialmente, assim como os dois professores, e também agradeço aos meus queridos aluninhos hoje no Segundo Ano do Ensino Médio, que ficaram bonzinhos realizando atividades em alguns momentos que eu tinha de observar a turma pesquisada.

RESUMO

Esta pesquisa propõe discutir a relevância da metodologia do estudo do meio nas aulas de Geografia. A parte empírica da pesquisa se deu através da observação das aulas de Geografia para uma turma de Ensino Médio e da observação de um estudo do meio realizado pelo professor de Geografia com esta mesma turma. Procurou-se observar se há um enfoque interdisciplinar no estudo do meio realizado e se o mesmo proporcionou aprendizagens significativas dos conteúdos de Geografia.

Palavras-chave: estudo do meio; interdisciplinaridade; geografia; educação; aprendizagem.

ABSTRACT

This research discusses the methodology importance of the environment of the study of environment study in Geography classes. The empirical part of the research occurred through classes observation in high school and observation of environmental made by geography teacher with the same class. The main idea was to recognize if there was a interdisciplinary focus and if it provided meaningful learning of the geography contents.

Key words: environment study, interdisciplinarity, geography, education, learning

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Realização de Estudos do Meio na Escola.....	24
Gráfico 2 – A escola realiza estudos do meio com frequência?.....	25
Gráfico 3 - O estudo do meio se relaciona com os conteúdos estudados em sala de aula?.....	26
Gráfico 4 - Você conhece o significado de interdisciplinaridade?.....	27
Gráfico 5 – A maioria dos professores participa de estudos de meio?.....	28
Gráfico 6– Ida ao estudo do meio.....	30
Gráfico 7 – Desenvolvimento de trabalho antes do estudo do meio.....	31
Gráfico 8 - Idéia do Produto final do Estudo do Meio.....	32
Figura 1: Alunos no Pátio do Colégio.....	40
Figura 2: Alunos dispersos durante a explicação do professor.....	42
Figura 3: Alunos dispersos durante a explicação do professor.....	43
Figura 4: Alunos em frente ao Teatro Municipal.....	44
Figura 5: Alunos e pesquisadora no terraço do edifício Altino Arantes.....	47
Figura 6: Alunos entrevistando freqüentadores no Mercado Municipal.....	49
Figura 7: Aluna mostra entrevista realizada ao professor.....	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – A escola realiza estudos do meio?.....	24
Tabela 2 - A escola realiza estudos do meio com freqüência?.....	25
Tabela 3 - O estudo do meio se relaciona com os conteúdos estudados em sala de aula?.....	26
Tabela 4 – Você conhece o significado de interdisciplinaridade?.....	27
Tabela 5 – A maioria dos professores participa de estudos de meio?.....	28
Tabela 6 – Ida ao estudo do meio.....	30
Tabela 7– Desenvolvimento de trabalho antes do estudo do meio.....	31
Tabela 8 – Idéia do Produto final do Estudo do Meio.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I - O ESTUDO DE MEIO NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA.....	12
CAPÍTULO II - ESTUDO DO MEIO E INTERDISCIPLINARIDADE.....	17
CAPÍTULO III - CAMINHOS DA PESQUISA: O ESTUDO DE MEIO NO CENTRO DE SÃO PAULO	21
3.1. Roteiros qualificados	23
3.1.1. Roteiro qualificado A	23
3.1.2. Roteiro qualificado B	29
3.2. A escola	33
3.3. A realização do Estudo do Meio	35
3.4 As atividades posteriores ao estudo do meio.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	56
ANEXOS.....	60

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultante de uma constatação que tem me inquietado em minha vivência profissional, na medida em que observo que o estudo do meio, como procedimento de ensino, tem sido pouco utilizado ou repensado no processo de ensino-aprendizagem da Geografia.

A ausência ou a prática não-analítica do estudo de meio contribui não só para a obtenção de maus resultados dos alunos, mas também para a fragilidade do ensino de Geografia. O trabalho expositivo com os conteúdos de ensino se torna rotineiro e por demais abstrato, pois os alunos, ao invés de desenvolverem relações entre espacialidade e os fenômenos estudados, acabam optando por simples memorizações das informações, que gradativamente se perdem pela ausência de significados.

Muitas vezes o estudo de meio é confundido com excursões recreativas (parques de diversões) ou atividades pró-forma (visitas) em que não há elaboração de um roteiro prévio, nem sistematização de conhecimentos que possam proporcionar uma aprendizagem interdisciplinar e, de fato, significativa ao aluno.

Desde o ano 2000 trabalho na área da Educação, como professora de Geografia em escolas da rede particular da cidade de São Paulo, lecionando para turmas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Mais recentemente, ingressei na rede pública do município de São Paulo e pude perceber, também nesta instituição em que leciono, a reduzida compreensão das possibilidades pedagógicas do estudo de meio.

Os professores alegam dificuldades de operacionalização destas atividades, na medida em que acumulam dois ou mais cargos, possuem turmas numerosas e muitas vezes indisciplinadas. Muitos dizem ter receio de sair a campo com seus alunos. Na rede pública, soma-se a isso a alegação de falta de meios materiais e financeiros para a realização de estudos do meio.

Durante minha graduação, realizei inúmeros trabalhos de campo e pude perceber a importância dessas atividades no processo de ensino-aprendizagem. Pude ver que o conteúdo de ensino, aquilo que se estuda em sala de aula, está presente no espaço geográfico, constitui nosso dia a dia, faz parte de nossa vivência, de nossa experiência, até mesmo pessoal. Na maior parte das vezes, professores e alunos não se dão conta da proximidade e da importância dos fenômenos espaciais para a realização de um processo de ensino e de aprendizagem mais consistentes.

Essas constatações permitem perceber que o estudo do meio não tem feito parte do projeto pedagógico das escolas ou, se faz, isso não ocorre de forma sistematizada e bem orientada.

Os projetos pedagógicos e até mesmo os planos de ensino referem-se a conteúdos imensos, que devem ser explanados, e não pensados, trabalhados de forma objetiva e significativa. Isso vem influenciando negativamente a qualidade do ensino de Geografia, o que nos traz o seguinte problema: A ausência de estudos do meio nas escolas ou a sua realização não-sistematizada, não-orientada, limita o processo de ensino-aprendizagem da Geografia? Até que ponto, e em que medida, a sistematização orientada de estudos do meio nas escolas poderá facilitar o processo de ensino-aprendizagem da Geografia e sua interdisciplinaridade?

Diante deste problema, podemos considerar as seguintes questões de pesquisa:

- Qual a importância do estudo do meio no ensino da Geografia?
- Quais os problemas enfrentados pelos professores e coordenadores para a realização de estudos do meio?
- De que forma os roteiros de campo e estudos de meio podem ser trabalhados para favorecerem o processo de ensino-aprendizagem da Geografia?

Dessa forma, o objeto dessa investigação é o estudo do meio como procedimento de ensino e atividade de aprendizagem interdisciplinar, no ensino médio de uma escola particular na zona sul da cidade de São Paulo. E constitui seu objetivo geral: Analisar e repensar a organização e realização de estudos do meio na disciplina Geografia, por meio de estudo de caso. Este objetivo se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

- Identificar as dificuldades relacionadas à sistematização de estudo de meio nas escolas.
- Acompanhar um projeto de estudo de meio numa escola particular da cidade de São Paulo, desde sua preparação até os resultados finais.
- Estabelecer relações entre estudo de meio e projetos pedagógicos significativos e interdisciplinares.

Para a realização da investigação foram observados os seguintes procedimentos metodológicos:

- Análise bibliográfica e documental, com leitura e interpretação da literatura especializada na área de metodologia de ensino e da ciência geográfica. A fonte documental abrangeu o projeto pedagógico da escola, os planos de curso e de aula dos professores envolvidos na pesquisa.

- Estudo empírico, com observação de realização de estudo de meio, aulas anteriores e posteriores, entrevista com o professor e aplicação de um “Roteiro Qualificado” a alguns alunos.

O texto final da pesquisa está organizado, a partir desta Introdução, onde se destaca o contexto, a justificativa, a definição do problema, o objeto do estudo, os objetivos e a metodologia da pesquisa, em três capítulos.

No primeiro capítulo é apresentado o referencial teórico acerca da ciência geográfica e sua relação com a metodologia de estudo de meio, em termos de seu caráter interdisciplinar.

No segundo capítulo há a descrição da escola pesquisada, da turma de alunos observada e a apresentação de dados sobre o estudo de meio realizado e objeto desta pesquisa.

O terceiro capítulo é dedicado à reflexão sobre o estudo de meio, com base na análise e avaliação dos dados da pesquisa empírica.

A seguir, são apresentadas as considerações finais sobre o assunto pesquisado e algumas sugestões, como subsídios de planificação e de realização de estudos de meio significativos.

CAPÍTULO I – O ESTUDO DE MEIO NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA

1.1 A Geografia e o estudo do meio no Brasil

A introdução do estudo do meio na disciplina Geografia, no Brasil, ocorreu por influência das chamadas escolas anarquistas, que seguiam a pedagogia de Francisco Ferrer, da Escola Moderna de Barcelona, na primeira década do século XX.

Esses estudos do meio atendiam a uma demanda dessas escolas, pois o pensamento anarquista preconizava um cidadão de pensamento livre, crítico e atento às questões sociais em que se inseria. Essas questões sociais estavam ligadas ao início do processo de industrialização das grandes metrópoles do Centro-sul do país. Para os anarquistas, o trabalhador deveria se instruir, evitando a dominação do grande empresariado. Um dos pilares fundamentais dessa premissa era uma escola livre, espaço de debates e de diálogos. Inseriam-se aí os estudos de meio. Muitos professores vinham da Europa para lecionar nessas escolas.

Um exemplo desse movimento foi a Escola Moderna do Prof. João Penteadó, que incluía excursões em seu currículo. Fundada em uma casa simples da Rua Saldanha Marinho número 66, no bairro paulistano do Belenzinho, desde sua fundação, a Escola Moderna nº 1 teria Penteadó como seu diretor e professor, escolhido em 12 de Maio de 1912, em reconhecimento dos demais fundadores ao seu vasto conhecimento acerca da obra de Francisco Ferrer. Essa Escola Moderna

alcançou tanto sucesso, que foi organizada a Escola Moderna nº 2, em São Caetano do Sul, na Grande São Paulo.

“Os trabalhos realizados fora da sala de aula por tais escolas tinham como objetivo que os alunos, observando, descrevendo o meio dito natural e o social do qual eram parte, pudessem refletir sobre desigualdades, injustiças e promover mudanças na sociedade no sentido de saná-las. A escola livre estava muito vinculada ao conjunto dos movimentos sociais, políticos e culturais dos anarquistas, sempre no sentido de denúncia das arbitrariedades do Estado e da Igreja contra os trabalhadores adultos e as crianças” (PONTUSCHKA, 2004 p. 252).

O movimento anarquista incomodou muito aos políticos e patrões, sendo frontalmente combatido na década de 1920, em um combate que resultou em escolas fechadas e líderes mortos.

Em termos de educação, o movimento que se seguiu foi o da Escola Nova. Uma das práticas resgatadas pelos escolanovistas foi a do estudo do meio, porém com um sentido diferenciado. Se, para os anarquistas, o estudo de meio deveria alavancar a transformação da sociedade, para os escolanovistas o estudo do meio contribuiria com a integração do aluno ao seu meio, fazendo com que, a partir dessa atividade, o estudante pudesse refletir sobre sua realidade social.

Mas, o Estudo do Meio se popularizou no Brasil quase 50 anos mais tarde, nos anos 60, com as escolas experimentais e os colégios vocacionais, inspiradas nos métodos de Freinet, conhecido por suas incursões para além dos muros da escola. A Geografia e a História se tornavam as disciplinas norteadoras nessas escolas, sendo o centro do currículo da escola. Essas áreas do conhecimento davam a direção para as demais disciplinas e para os Estudo do Meio, do qual participavam todas as disciplinas. Na 1ª série do ginásio eram realizados estudos do meio em ruas do entorno da escola e em outros pontos da cidade de São Paulo; na 2ª série realizavam-se dois estudos: um para uma cidade do litoral e outro, para uma

cidade do interior; na 3ª série, para alguns pontos da Região Sudeste do Estado, e na 4ª série, para as cidades de mineração do ouro, em Minas Gerais e para o Distrito Federal, Brasília, cidade cujo plano-piloto ainda estava em processo de construção.

Embora com finalidades diferentes, o estudo do meio aparece com importância nas duas abordagens (Escola Moderna e Escola Nova), o que deixa de ocorrer a partir da ditadura militar. Os professores, que desejavam realizar até mesmo simples excursões, eram impedidos pela direção das escolas ou pelas delegacias de ensino. Para essas instâncias, o estudo do meio era uma temeridade.

A partir da década de 1980, é que a temática volta a ser discutida. Diferentes grupos da sociedade brasileira se insuflavam e denunciavam arbitrariedades. Os professores passaram a discutir mais os currículos, pensando em reformulações.

Já na década de 1990, na cidade de São Paulo, sob administração da então prefeita Luiza Erundina, elaborou-se uma publicação sobre estudo do meio envolvendo diversas disciplinas. A partir daí, foi possível sistematizar uma discussão mais analítica acerca de estudo de meio e da interdisciplinaridade. Isso ocorreu na gestão dos Professores Paulo Freire e Mário Sérgio Cortella, como secretários da Educação, na administração de Luiza Erundina na Prefeitura Municipal da Cidade de São Paulo, administração essa que propunha a realização de projetos baseados em uma concepção libertadora de educação. Um dos documentos da referida administração afirmava que:

“O conhecimento é construído na interação entre os sujeitos e o objeto do conhecimento, em um movimento de ir e vir, entendendo-se que o objeto de conhecimento inclui os indivíduos e suas relações em toda a dimensão social que é constitutiva dos sujeitos no movimento de conhecer. Tem-se como ponto de partida para essa construção a realidade observada, analisada e historicizada; - todo conhecimento deve ser contextualizado no tempo e no espaço, e para construí-lo valoriza-se o coletivo, o confronto das

diferenças; - para superar a fragmentação do conhecimento estuda-se a própria realidade em sua multiplicidade de aspectos, onde os saberes das diversas áreas estão concretizados; - em uma perspectiva política, esta concepção tem como objetivo que o sujeito se constitua como cidadão, consciente, crítico e atuante na busca de uma sociedade justa e democrática”. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. 1992, p. 15).

A Prefeitura da Cidade de São Paulo confeccionou um material de orientações curriculares, cujo nome é este mesmo: “Orientações Curriculares – Proposição de Expectativas de Aprendizagem”. Cada disciplina tem um caderno à parte, cujos objetivos principais são:

“O programa tem como objetivos principais contribuir para reflexão e discussão sobre o que os estudantes precisam aprender, relativamente a cada uma das áreas de conhecimento e subsidiar as escolas para o processo de seleção e organização dos conteúdos” (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, 2007 p. 5)

Em palestras e cursos, que orientavam sobre o uso deste material, ficava bem claro que os seus objetivos não determinavam o “engessamento” de conteúdos e do próprio trabalho do professor, mas que ele deveria ser um documento norteador para a seleção de conteúdos, e de procedimentos de ensino, além de apresentar um trabalho com sondagens, tendo em vista as perspectivas de aprendizagem contidas neste caderno.

Atualmente, no Caderno de Orientações Curriculares da Prefeitura do Município de São Paulo para a disciplina Geografia, encontramos conteúdo referente ao estudo do meio, tema da presente pesquisa. Observamos que o procedimento de ensino aparece denominado como “Trabalho de Campo”, no capítulo que trata das modalidades organizadoras dos métodos da Educação Geográfica.

“Ler as paisagens e procurar as razões nem sempre visíveis, buscar o que a formou e a explicação que não está na aparência. Buscar como se concebem as ações humanas e como ocorrem os padrões e processos da natureza. Compreender como interagimos com as paisagens que vivemos é

um desafio inicial que deve conduzir as indagações nas situações de trabalho de campo ou estudo de meio como ainda se convencionou chamar as saídas organizadas de estudantes e educadores fora da sala de aula” (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, 2007 p. 74)

O documento ainda lista diversas estratégias para o estudo de meio se configurar como uma metodologia significativa.

“Para isso é preciso compreender como cada variável do meio se manifesta para escolher a forma adequada de registro (tabelas, questionários, gravação de sons ou vídeos, roteiros de percurso, tempo de permanência, amostragem, entre outros). Para alguns estudos pode-se necessitar de instrumentos de tomada de dados, tais como termômetros no estudo de tempo, máquina fotográfica para registros visuais, material de desenho, binóculos para aproximações mais detalhadas, gravadores para registros de impressões de diferentes interlocutores, etc. Para isso é sempre necessário preparar os estudantes para o uso correto de instrumentos. Isso pode ser desenvolvido em oficinas preparatórias” (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, 2007 p. 75)

Ainda segundo o Caderno, o estudo de meio deve ser um trabalho compartilhado entre professores e alunos, para que haja envolvimento dos alunos e assim fazer com que se envolvam nas atividades propostas. “É fundamental que se sintam co-responsáveis e a condição para que isso ocorra é a participação nas decisões em cada etapa de seu desenvolvimento” (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, 2007 p. 76)

CAPÍTULO II - ESTUDO DO MEIO E INTERDISCIPLINARIDADE

Atualmente, o estudo do meio é utilizado em muitas escolas públicas e particulares do Estado de São Paulo e de outros estados do Brasil. Ele iniciou-se no país com as escolas anarquistas, foi retomado com a Escola Nova, recriminado durante a ditadura militar e voltou a aparecer na década de 1980. Porém, o que é necessário observar é se os estudos do meio são realizados com base nas necessárias reflexões sobre sua real importância e validade dentro de projetos interdisciplinares de real significância.

A discussão sobre estudo de meio e interdisciplinaridade nos parece muito importante e até mesmo inevitável, já que o estudo do meio enquanto método de ensino e aprendizagem exige práticas interdisciplinares. A própria discussão entre estudo do meio, como método ou como técnica, já rende vários trabalhos. Em muitos casos, os autores consideraram o estudo do meio como técnica. Assim também o fazem muitas escolas, acabando por reduzi-los a meras excursões, propagandeadas em panfletos e até mesmo em projetos pedagógicos.

“Pedagogos e professores de disciplinas específicas continuam a conceituar o estudo do meio como técnica ou um conjunto de técnicas, no entanto, ele somente atingirá os objetivos de uma possível transformação se for utilizado como método, superando conhecimentos puramente escolares fragmentados, levando aluno e professor a um compromisso com a sociedade e suas transformações, possibilitando o encontro entre sujeitos diferentes que crescem individualmente, que podem trocar, ensinar e aprender.” (PONTUSCHKA, 2004 p. 256).

A interdisciplinaridade começou a ser discutida nos estudos do meio na década de 1960, quando escolas como a Escola de Aplicação da USP e a Escola

Experimental da Lapa já consideravam o caráter interdisciplinar do estudo do meio. Neste caso, a disciplina conhecida como Estudos Sociais (que na época aglutinava História e Geografia) era a que comandava o trabalho e as demais áreas davam seqüência, de acordo com seus conteúdos. Uma das características interessantes dessa fase era que uma equipe de professores dava aulas para apenas uma série, o que facilitava todo o processo do estudo do meio, as saídas se davam sem prejuízo para o funcionamento normal da escola, o que nem sempre ocorre, como será visto no decorrer do trabalho. Essas saídas eram financiadas pela associação de pais, o que garantia que todos os alunos participassem, sem prejuízo para aqueles que eventualmente passassem por dificuldades econômicas.

Na fase histórica que se seguiu, a Ditadura Militar, falar em interdisciplinaridade era complicado, já que até mesmo simples excursões eram impedidas. Com a luta de diferentes grupos sociais, que resistiam à ditadura, houve um relativo afrouxamento por parte das autoridades, no início da década de 1980, passaram a ocorrer discussões entre os professores acerca de propostas curriculares, com reavaliações do currículo, e o estudo do meio também foi considerado nesse processo, sobretudo com ênfase a seu caráter interdisciplinar.

Na década de 1990, como já mencionado, no governo de Luiza Erundina, na cidade de São Paulo, o estudo do meio despontou como prática pedagógica importante, que respeita o princípio da interdisciplinaridade, e preserva a especificidade de cada disciplina. “Houve necessidade de explicitar no texto como cada uma das disciplinas integrava-se ao estudo do meio, ou seja, o papel de cada uma delas nesse tipo de trabalho”. (PONTUSCHKA, 2004 p. 260)

Ficou evidente que a natureza, na maioria das vezes estudada de forma fragmentada, pode ser analisada e entendida de forma integrada, com suas múltiplas variantes, através do estudo do meio e da interdisciplinaridade.

Manuel Correia de Andrade também discute a questão da interdisciplinaridade e sua necessidade para o ensino e a aprendizagem da Geografia, embora a reconheça como um problema de todas as disciplinas:

“O problema da interdisciplinaridade é comum a todas as ciências, uma vez que a divisão em áreas específicas de cada uma delas é fictícia, feita apenas para facilitar o trabalho dos especialistas que não podem abarcar todo o conhecimento científico.” (ANDRADE, 2004 p. 21)

Segundo o autor, a Geografia é uma ciência social e natural e tem um relacionamento estreito com várias outras ciências, tais como a Ciência Política, o Direito, a História, a Antropologia, a Economia, entre outros. Isso torna complicada a definição de limites entre o que é ou não geográfico e mostra como a Geografia se enriquece e se beneficia quando se aproxima de outras ciências. Com o estudo do meio, existe essa aproximação e este enriquecimento.

Carlini define o estudo do meio como procedimento de ensino, listando-o ao lado de outras metodologias, tais como dramatização, música, apresentação de idéias, entre outros. Segundo a autora:

“Procedimentos de Ensino são as ações do professor e do aluno, no processo de ensino-aprendizagem. São os “que fazer” pedagógicos, no sentido de provocar, estimular, desencadear a ação do aluno no processo de construção do conhecimento” (CARLINI, 2004 p. 28)

Um ponto interessante do texto é que a autora coloca, para cada um dos procedimentos, sua descrição, seus objetivos, o papel do professor e também o papel do aluno. Como vimos anteriormente, é de cabal importância identificar o papel do aluno em todas as etapas de planejamento de estudos do meio.

A autora afirma ainda que o estudo do meio deve ser uma construção coletiva, que requer integração dos componentes curriculares, apoiada no projeto pedagógico da escola, com envolvimento não somente da escola e sua equipe, mas também dos alunos e de seus pais. Sua característica interdisciplinar é ressaltada: “O estudo do meio caracteriza-se pela possibilidade de investigação interdisciplinar de fenômenos da realidade natural e social do aluno” (CARLINI, 2004 p. 64)

Com relação aos papéis desempenhados, ao professor cabe o planejamento do estudo do meio (juntamente com seus alunos) onde são discutidos os objetivos do trabalho, suas etapas, normas de conduta, entre outros. Cabe também ao professor a própria realização do estudo do meio, auxiliando e orientando os alunos no momento da atividade. Além disso, o professor deve organizar a divulgação dos resultados, e ser o responsável direto pela avaliação do processo, embora essa avaliação deva ser feita com ampla participação dos alunos.

Já para os alunos, a autora estipula outros papéis, não menos importantes: participação ativa em todos os momentos do processo, envolvimento, respeito às normas estabelecidas, busca de fundamentação teórica e participação efetiva no processo de avaliação. A autora atribui uma importância grande ao estudo do meio:

“... é uma forma muito eficiente de provocar aprendizagem significativa. O conhecimento construído no decorrer das ações constituintes do estudo do meio – planejamento, execução, divulgação e avaliação -, mesmo que não identificado com cada uma delas, permanece de maneira bastante sólida na estrutura cognitiva dos alunos.” (CARLINI, 2004 p. 68)

CAPÍTULO III - CAMINHOS DA PESQUISA: O ESTUDO DE MEIO NO CENTRO DE SÃO PAULO

A pesquisa foi desenvolvida segundo os pressupostos da abordagem qualitativa, recorrendo à entrevista e à observação participante, com o intuito de buscar elementos para investigação do problema formulado.

Escolhi uma sala, 2º. ano D do ensino médio, de uma escola particular na zona sul de São Paulo, onde trabalho. A turma foi escolhida em função de eu não ter lecionado para ela, o que pode permitir maior isenção no processo de coleta e análise dos dados. Além disso, essa turma realizaria um estudo do meio significativo na época da pesquisa, que era a visita ao centro da cidade de São Paulo, o que tornava o trabalho ainda mais interessante.

As entrevistas foram feitas através de roteiros qualificados aplicados aos alunos da sala escolhida. A observação participante ocorre em três momentos distintos: em algumas aulas antes do estudo de meio, em algumas aulas após o estudo de meio e no próprio estudo de meio. O professor de Geografia, proponente do estudo de meio, também foi entrevistado, em vários momentos. Outro professor participante, de História, também foi entrevistado já que acompanhou a turma durante o estudo do meio.

Dessa forma, a observação participante ocorreu em três fases diferentes:

- A 1ª fase ocorreu entre agosto e outubro/2008 e consistiu na observação de algumas aulas de Geografia da turma, além da aplicação dos roteiros qualificados com a mesma.
- A 2ª fase foi caracterizada pelo estudo do meio em si, que acompanhei durante um dia todo pelo centro da cidade de São Paulo, no mês de outubro/2008.
- A 3ª fase ocorreu entre os meses de outubro e novembro/2008, em que observei algumas aulas pós-estudo de meio, anotando as impressões dos alunos e entrevistando os dois professores mencionados anteriormente.

Dessa maneira, à medida que a observação ia decorrendo foi possível registrar, *in loco*, as ações e a visão dos sujeitos e o significado que atribuem ao estudo do meio.

“Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. Os investigadores introduzem-se e despendem grandes quantidades de tempo em escolas, famílias, bairros e outros locais tentando elucidar questões educativas” (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p.47)

A abordagem qualitativa permitiu também a análise de dados por indução. Sem pretender apenas confirmar hipóteses, foi preocupação partir destas informações para construir os aspectos mais importantes da pesquisa.

“Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Não recolhem dados ou provas com o objectivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso as abstracções são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos vão se agrupando” (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p.47)

A pesquisa consiste de estudo de caso, uma vez que intenta descobrir as reais dificuldades, assim como as reais vantagens para a realização de estudos de meio. Parte de um referencial teórico a respeito do tema, e tem a perspectiva de não

somente confirmá-lo, mas, sobretudo perceber os elementos visíveis e os ocultos presentes na realização de estudos de meio.

Outro ponto relevante, já mencionado, foi a utilização da variedade de informações obtidas no decorrer do preparo, realização e avaliação do estudo do meio, através da observação das atividades letivas e da realização de entrevistas. (LUDKE E ANDRÉ, 1986)

3.1 ROTEIROS QUALIFICADOS

Antes da saída para o estudo do meio foi necessário elaborar dois roteiros qualificados para avaliar o pré-conhecimento dos alunos acerca da prática de estudos do meio e do estudo do meio do qual iriam participar. Considerando que eram dois roteiros, foram denominados Roteiro Qualificado A e Roteiro Qualificado B.

3.1.1. ROTEIRO QUALIFICADO A

Este roteiro qualificado foi pensado de forma a abordar o estudo de meio enquanto metodologia em si. Além disso, perguntava a respeito de interdisciplinaridade e estudo do meio.

Foram aplicados 34 questionários e foram obtidos alguns resultados importantes para o encaminhamento da pesquisa. Antes de distribuir os questionários, explicamos aos alunos a finalidade do procedimento, que se constituía de perguntas a respeito do estudo do meio que fariam ao centro de São Paulo. Os alunos não demonstraram sua compreensão por nenhum sinal ou

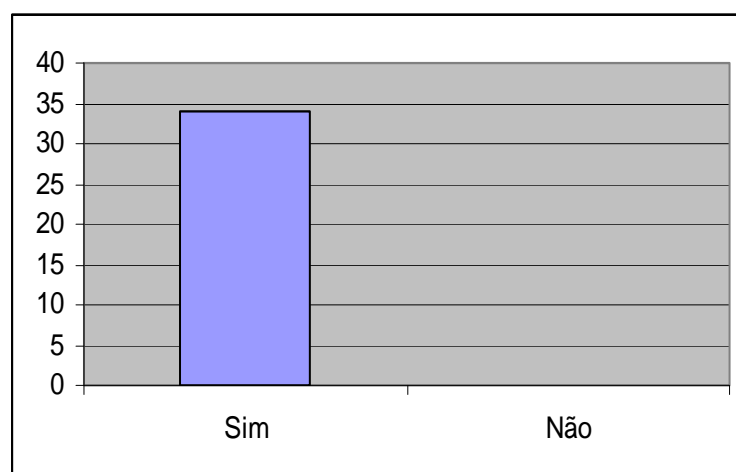
pergunta. Em seguida, o professor de geografia explicou a eles que estudo do meio era o nome dado a essas excursões de conteúdo pedagógico da qual participavam. Os alunos então pareceram entender e, em seguida, distribuí os roteiros qualificados (Anexo 1,). Alguns alunos levaram poucos minutos para responder, enquanto outros se demoraram durante quase toda a aula para devolver. Expliquei que todos os alunos deveriam responder ao roteiro, mesmo aqueles que não fossem participar da atividade.

Eram oito perguntas e houve unanimidade quando perguntados sobre a realização de estudos do meio na escola em que estudam:

Tabela 1 – A escola realiza estudos do meio?

	Sim	Não
Número de Alunos	34	0

Gráfico 1 – Realização de Estudos do Meio na Escola



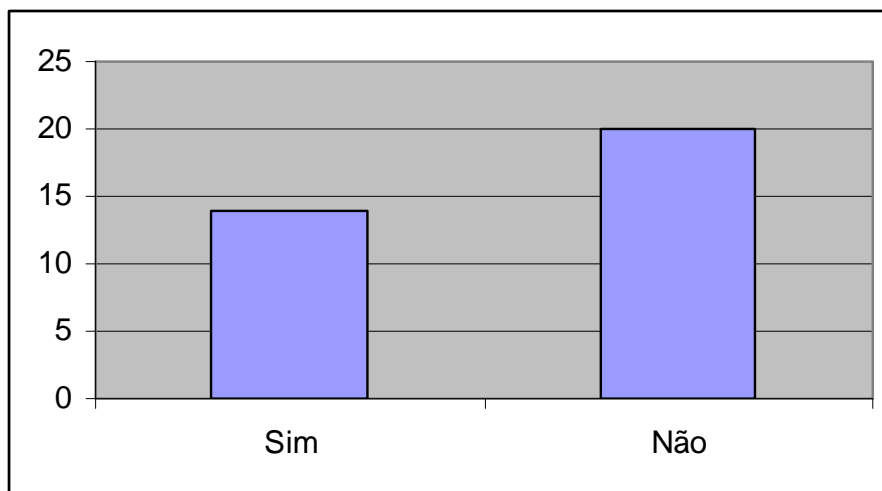
Todos os alunos afirmaram que a escola realiza estudos de meio. Esse é um dado positivo, pois todos os alunos conseguem identificar que a escola em que

estudam realiza estudos do meio. Porém, com relação à frequência dos mesmos, não houve unanimidade nas respostas:

Tabela 2 - A escola realiza estudos do meio com frequência?

Sim	Não
14	20

Gráfico 2 – A escola realiza estudos do meio com frequência?



É possível observar que 14 alunos afirmaram que a escola realiza estudos de meio com frequência e 20 alunos disseram que a escola não tem essa prática como freqüente. Através deste dado, notamos como a visão dos estudantes acerca de alguns temas é bastante diversificada e se circunscreve, muitas vezes, apenas ao momento atual. Esta turma, pesquisada no 2º ano do Ensino Médio, de fato havia realizado apenas um estudo do meio antes do pesquisado neste trabalho, naquele

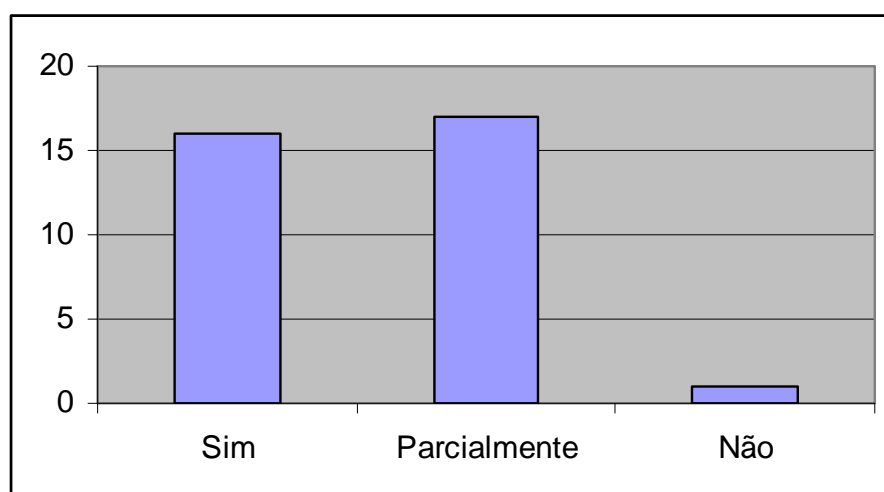
ano letivo, porém já havia participado de vários estudos do meio, sobretudo no ano anterior (1º ano do ensino médio). Isso traz à tona a importância dos professores sistematizarem os estudos do meio como um todo, não somente como metodologia, mas também em suas falas, mostrando a regularidade, a importância, e retomando os estudos do meio já realizados.

Sobre a relação dos estudos do meio com os conteúdos estudados em sala de aula obtivemos as seguintes respostas:

Tabela 3 - O estudo do meio se relaciona com os conteúdos estudados em sala de aula?

Sim	Parcialmente	Não
16	17	1

Gráfico 3 - O estudo do meio se relaciona com os conteúdos estudados em sala de aula?



Responderam positivamente 16 alunos, afirmando que há relação entre os estudos de meio e os conteúdos trabalhados em sala de aula, 17 alunos

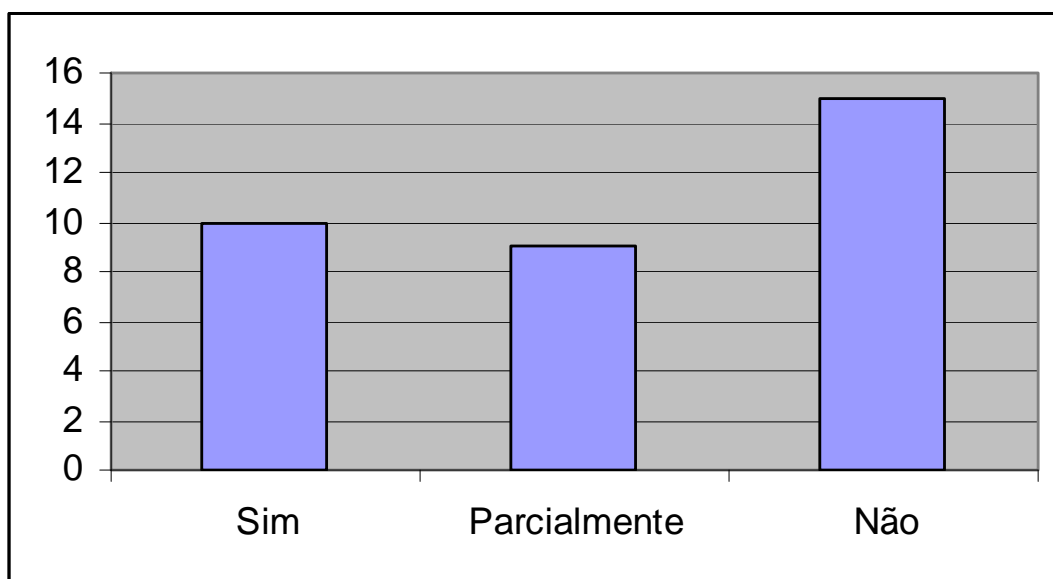
responderam parcialmente, 1 aluno respondeu negativamente. Estas respostas enfatizam o papel do professor de sistematizar o estudo do meio, relacionando-o com os conteúdos estudados em sala de aula, deixando clara sua pertinência, preferencialmente, de forma interdisciplinar.

A quarta questão se referia ao significado do conceito de interdisciplinaridade.

Tabela 4 – Você conhece o significado de interdisciplinaridade?

Sim	Parcialmente	Não
9	15	10

Gráfico 4 - Você conhece o significado de interdisciplinaridade?



A maioria dos alunos (15 alunos) disse que não conhecia o conceito, 10 alunos disseram que conheciam o conceito e 09 disseram conhecê-lo parcialmente. Entre os que disseram conhecer ou parcialmente conhecer o conceito de interdisciplinaridade, a maioria relacionou com conteúdos trabalhados por mais de

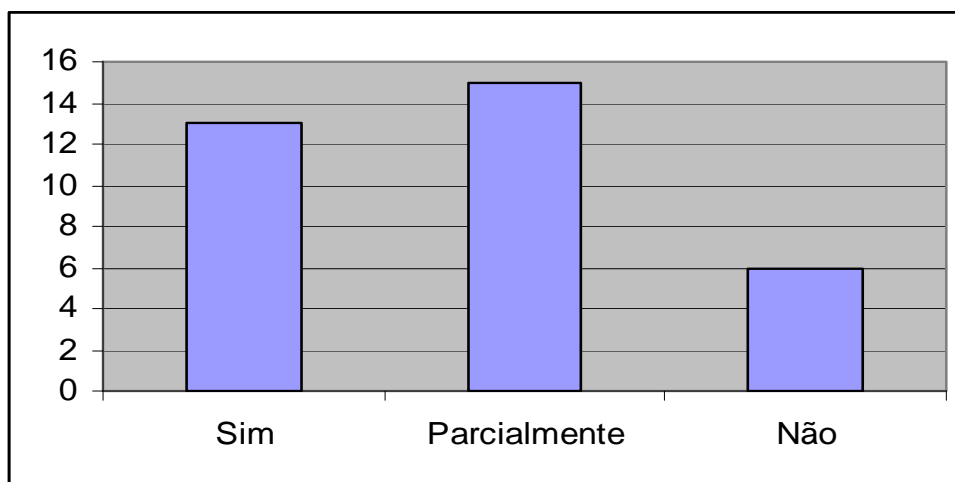
uma disciplina, alguns relacionaram com atividades ligadas somente a estudo de meio, como se a interdisciplinaridade só ocorresse nessa prática.

Em seguida, havia perguntas sobre a relação entre os professores e os estudos de meio. A primeira pergunta era sobre a participação dos professores em estudos de meio.

Tabela 5 – A maioria dos professores participa de estudos de meio?

Sim	Parcialmente	Não
13	15	6

Gráfico 5 – A maioria dos professores participa de estudos de meio?



Diante desta pergunta, 13 alunos responderam positivamente, 15 alunos disseram que os professores participam parcialmente e 06 alunos disseram que a maioria dos professores não participa dos estudos de meio.

Quando perguntados se a maioria dos professores realizava trabalhos antes e depois das saídas para os estudos de meio, 16 alunos disseram que sim, 17 alunos disseram que parcialmente e 01 aluno disse que não realizavam. Estes dados são

bastante interessantes, pois evidenciam que nem todos os alunos conseguem identificar a presença da maioria dos professores nos estudos do meio. Isso talvez reflita o fato de muitos professores não deixarem claro seus objetivos e sua participação nos projetos de estudos do meio. Quanto aos trabalhos realizados, a situação se repete, na medida que, muitas vezes, os alunos não têm clareza sobre os trabalhos e suas propostas.

Perguntados sobre como os estudos de meio poderiam ser mais significativos:

- 05 alunos não responderam,
- 09 alunos disseram que já são bastante significativos,
- 06 alunos, que deveriam ter maior frequência,
- 03 que deveriam ser feitos mais estudos de meio, levando-se em conta o gosto dos alunos,
- 02, que deveria haver maior número de disciplinas participando e
- 08 pensam que os professores deveriam relacionar mais os estudos do meio com os conteúdos trabalhados em sala de aula.

Essas respostas vêm ao encontro do que já foi dito, em termos da relevância de se relacionar os estudos do meio aos conteúdos de ensino.

3.1.2. ROTEIRO QUALIFICADO B

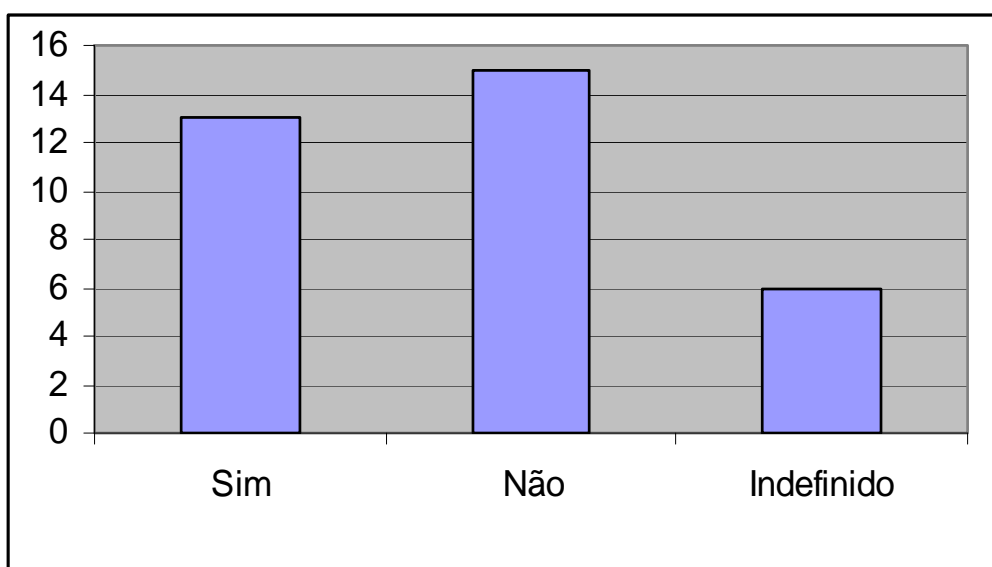
Este roteiro foi pensado de forma a captar a opinião dos alunos especificamente a respeito do estudo de meio, tema desta pesquisa, que foi a ida ao centro da cidade de São Paulo. Os roteiros foram aplicados na mesma data que os anteriores, portanto o número de alunos respondentes foi o mesmo: 34 alunos.

A primeira questão perguntava sobre quais alunos iriam, não iriam ou aqueles que ainda não tinham certeza de sua ida ao estudo de meio.

Tabela 6 – Ida ao estudo do meio

Sim	Não	Indefinido
13	15	6

Gráfico 6 – Ida ao estudo do meio



Foram obtidos os seguintes resultados: 21 alunos responderam afirmativamente, 04 alunos disseram que não iriam ao estudo de meio, e 09 alunos declararam que ainda não sabiam se iriam ou não. Em seguida, relacionado a essa questão, o roteiro pedia a justificativa de cada uma das três respostas: Em caso positivo, a grande maioria dizia que tinha interesse em obter mais conhecimento sobre a cidade de São Paulo, a respeito de sua história e das transformações por

que passou. Apenas um aluno, respondeu que desejava sair da rotina da sala de aula.

Em caso negativo, 02 não poderiam participar por conta de compromissos assumidos: 01 afirmou que já conhecia bem o centro da cidade e 01, que já tinha ido em estudos de meio na escola e não via pontos positivos nessa prática.

Entre os casos indefinidos, a maioria (05 alunos) declarou que estava esperando a autorização dos pais, 01 aluno, que não teria disposição de andar o dia inteiro.

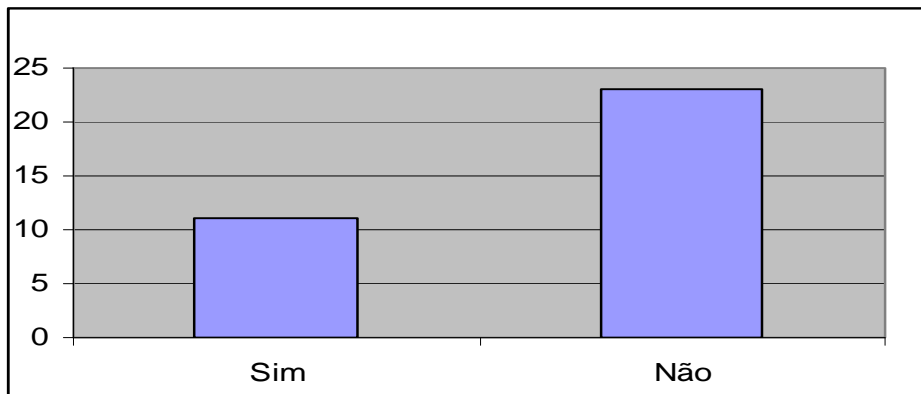
A questão seguinte se referia às disciplinas que participariam do estudo de meio. Além da geografia, a maioria dos alunos se referiu a história e português, poucos alunos citaram biologia e as outras disciplinas sequer apareceram nas respostas. Essa é uma questão relevante, porque quase sempre vemos as mesmas disciplinas relacionadas aos estudos do meio: geografia, história, português e, algumas vezes, aparece biologia. A menção a essas disciplina é positiva, porém a metodologia seria muito mais rica e interativa com a presença de outras disciplinas, que dificilmente se fazem presente nessas ocasiões.

Outra questão importante se referia ao trabalho desenvolvido pelos professores antes da saída a campo.

Tabela 7– Desenvolvimento de trabalho antes do estudo do meio

Sim	Não
11	23

Gráfico 7 – Desenvolvimento de trabalho antes do estudo do meio



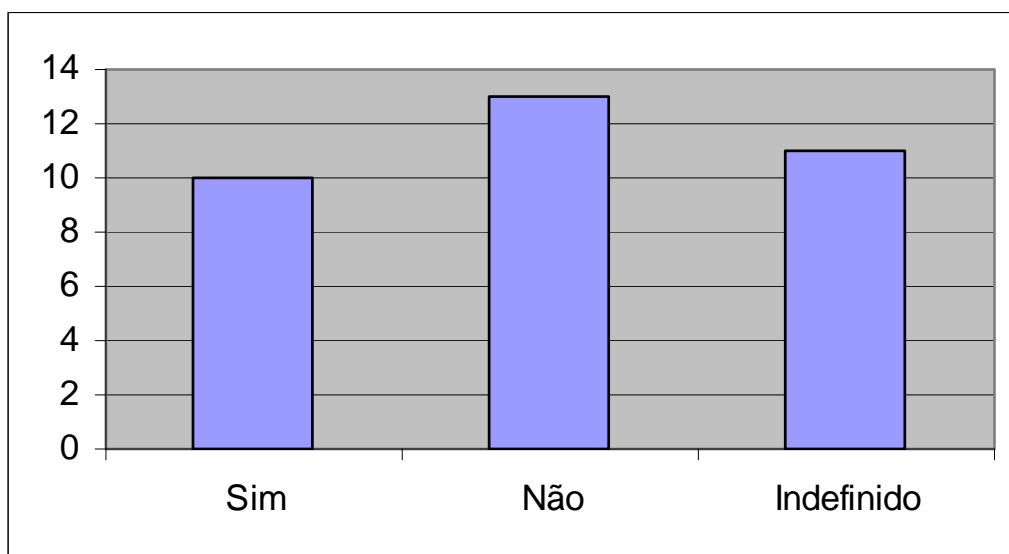
Em caso de marcar resposta positiva, o aluno deveria indicar o que já havia sido feito. A maioria (23 alunos) disse que não havia trabalho sendo desenvolvido, apenas 11 alunos disseram que existia trabalho sendo desenvolvido e este trabalho, segundo a maioria dos alunos deste grupo (08 alunos), eram as próprias aulas de Geografia (01 aluno citou história também) em que o professor explanava sobre o processo de urbanização da cidade de São Paulo. 03 alunos mencionaram uma folha com questões que o professor tinha passado sobre o que os alunos já conheciam a respeito do centro de São Paulo.

Com relação à idéia do produto final do projeto de estudo de meio foi feita uma outra questão e as respostas foram bem diversas:

Tabela 8 – Idéia do Produto final do Estudo do Meio

Sim	Não	Indefinido
10	13	11

Gráfico 8 - Idéia do Produto final do Estudo do Meio



Responderam positivamente 10 alunos, 11 alunos responderam que conheciam parcialmente e 13 alunos responderam negativamente. A questão da avaliação final também pode ser discutida previamente, para que os alunos tenham idéia do que será avaliado e já possam se preparar para isso.

A penúltima questão se referia à importância que os alunos atribuíam a este estudo de meio. A grande maioria citou o fato de poder conhecer mais a cidade, inclusive visitando pontos que o próprio cidadão paulistano não conhece. Não relacionaram com nenhuma outra temática.

A última questão deste roteiro indagava quais disciplinas poderiam participar deste estudo de meio e a grande maioria dos alunos disse que não havia necessidade de outras disciplinas além das que tinham relacionado.

3.2 A Escola

Conforme já explicitado na Introdução, escolhi para o desenvolvimento desta investigação uma escola particular na zona sul da cidade de São Paulo. Trabalho

nessa escola, onde leciono Geografia e a turma do 2º ano do Ensino Médio foi selecionada por dois motivos: o primeiro se refere ao fato de ser uma turma com a qual, salvo pouquíssimos alunos, não trabalhei; e o segundo foi o fato de que esta turma realizaria um estudo do meio bastante significativo, ao centro da cidade de São Paulo.

Este estudo do meio já é tradicional na escola, pois ocorre todos os anos, há cerca de sete anos, para as turmas do 2º ano do Ensino Médio. É realizado nesta série justamente por relacionar-se com o eixo temático de urbanização, trabalhado pela disciplina Geografia nesta série. O estudo de meio no centro da cidade de São Paulo objetiva conhecer o processo de urbanização da cidade de São Paulo e a visita a seu centro permite concretizar esses conteúdos de ensino. Além disso, há a questão de que muitos alunos conhecem pouco, ou nem mesmo conhecem, o centro da cidade em que vivem.

A escola situa-se no bairro de Interlagos. Ela existe desde 1986, tendo, portanto 23 anos. Conta hoje com cerca de 2.500 alunos, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Como aconteceu com muitas escolas, ela cresceu sobremaneira nestas duas décadas, já que iniciou suas atividades com apenas três salas de aula, dedicadas à Educação Infantil. Possui atualmente 40 salas de aula, uma brinquedoteca, uma biblioteca com 15.000 títulos, sala de informática, laboratórios, três quadras poli-esportivas cobertas, dois pátios cobertos para recreação, piscina aquecida, além de elevadores que contribuem para a inclusão de alunos com necessidades especiais. Uma das estratégias de divulgação da escola é justamente a promoção de estudos do meio, que em anúncios nos jornais da região ou folhetos ganham o nome de excursão. Na página da *web* dedicada à escola,

vemos referências a essas excursões em dois momentos distintos: um deles é quando se descrevem as atribuições do Ensino Médio:

“O Ensino Médio tem várias preocupações: solidificar todo o conhecimento adquirido no Ensino Fundamental e aprofundá-lo, preparar o aluno para ingresso no Ensino Superior, incentivar o educando para o mercado de trabalho e participação consciente para viver em sociedade. Esse curso, como os demais, segue uma estrutura de metodologia tradicional que é enriquecida por projetos pedagógicos, excursões para estudo e recreação, festas, passeios, exposições, feiras culturais entre outros.” (PINHEIRO, 2009).

Outro momento em que a palavra excursão é utilizada:

“A sala de aula de há muito não é mais o único local de aprendizado de alunos. Convém proporcionar aos mesmos visitas, passeios, que objetivem o seu desenvolvimento como pessoa; que melhorem seu convívio social; que os ensinem como se portar em locais diversos; que lhes ofereçam momentos de recreação sadia com seus pares e também, que os instruem e promovam aprendizado significativo.” (PINHEIRO, 2009).

Vale analisar que, muito embora a escola valorize o estudo de meio (embora o chame de excursão), não o considera como prática interdisciplinar. Valoriza os espaços fora da sala de aula como proporcionadores de aprendizagem significativa, identifica o estudo do meio até com a melhoria de convívio social, mas não cita seu papel interdisciplinar.

No plano de curso do professor de Geografia, há citações referentes aos estudos de meio na parte referente a conteúdos, separados por trimestres, e aí se inserem como atividades extracurriculares. No caso do estudo de meio analisado, ele estava inscrito no conteúdo de urbanização, trabalhado durante o segundo trimestre. Não há menção, no plano de curso do professor de Geografia, a estudos interdisciplinares envolvendo este estudo de meio.

3.3 A realização do Estudo do Meio

O estudo do meio contou com a presença de 39 alunos, a maior parte do 2º ano D, porém havia alguns alunos das turmas da manhã, que não puderam participar em outras datas por diversos motivos. Dois professores os acompanharam, o de Geografia e o de História. Conversando com os alunos durante o trajeto, foi possível observar que os alunos não haviam participado da elaboração ou mesmo recebido o roteiro do estudo do meio, embora o professor tivesse feito comentários sobre sua realização durante as aulas.

Perguntado sobre esse fato, o professor de História disse que, na realidade, não houve uma discussão anterior sobre o roteiro nem com o professor de Geografia (idealizador do projeto), tampouco com o grupo de alunos. O roteiro tinha sido planejado com base em experiências anteriores, já que o professor de Geografia desenvolve este trabalho há mais tempo. O professor de História comentou também que nas aulas anteriores à saída projetou *slides* com imagens do trajeto no século XIX e pediu que, durante o estudo do meio, os alunos ficassem atentos à arquitetura e sua conservação. Este ponto pode ser questionado, com base no Caderno de Orientações Curriculares da Prefeitura de São Paulo na área de Geografia onde se afirma a importância da discussão coletiva - professores e alunos - no processo de estruturação do estudo do meio.

“Para que o trabalho de campo seja significativo para os estudantes e um processo coletivo de aprendizagem é necessário ensinar que aprender exige compromisso de cada um. Nesse sentido é fundamental que o professor compartilhe com os estudantes, implicando-os nas decisões e tornando-os responsáveis pelos encaminhamentos. Isso requer um cuidadoso planejamento dos procedimentos envolvendo a apresentação das questões que serão estudadas em campo, a conversa sobre a relevância do assunto, a apresentação de algumas informações selecionadas para que os estudantes percebam que há o que aprender no trabalho de campo, a discussão sobre o produto final. É fundamental que se

sintam co-responsáveis e a condição para que isso ocorra é a participação nas decisões em cada etapa de seu desenvolvimento” (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, 2007 p. 76)

Os alunos receberam o roteiro pronto, sem possibilidades de discussão. Ainda no ônibus, os dois professores grampeavam os roteiros, comentando que o excesso de trabalho não permitira fazer esta tarefa em outro momento. Uma das inquietações dos professores pesquisados refere-se justamente a uma certa falta de envolvimento da escola com as atividades de estudo do meio. Apesar de apoiar e, de certo modo, incentivar estes projetos, a escola enquanto instituição de ensino fica distante da preparação do trabalho e demonstra pouco interesse nos resultados. Isso contribui para sobrecarregar os professores, que acabam muitas vezes “atropelando” certas fases do processo.

Os alunos mostravam-se bastante empolgados, comentavam que era o segundo estudo do meio do ano, e que antes haviam ido somente para a Serra do Mar. Alguns alunos comentavam entre si a possibilidade de irem até a Galeria do Rock, também no centro da cidade.

Após 40 minutos de viagem, o ônibus parou no Pátio do Colégio, local tido como origem da cidade de São Paulo. Os alunos iam descendo e ficavam em pequenos grupos, esperando os professores, que se dirigiram à administração do local. Aí ocorreu o primeiro imprevisto: sem agendamento anterior, os professores descobriram que atualmente há uma taxa de R\$1,00 por aluno para a entrada. Esse é mais um ponto que demonstra que a escola não se envolve, de fato, como deveria e que o planejamento do estudo do meio apresenta falhas. Entrar no complexo do Pátio do Colégio, visualizar a Várzea do Carmo, conhecer o fragmento do muro que deu origem à cidade talvez tivesse sido um ponto inicial estimulador do processo de

estudo do meio. Os alunos não puderam entrar, mas também não pareceram se importar com o fato.

O professor reuniu o grupo na calçada e falou sobre a importância das paradas coletivas e do silêncio durante as orientações. No decorrer desta fala, já pude perceber algumas conversas paralelas, que iriam se repetir por todo o trajeto do estudo do meio. Mais uma evidência da falta de construção coletiva do estudo do meio. Como visto, este deve ser um trabalho compartilhado entre professores e alunos, para que haja envolvimento cooperativo nas atividades propostas.

No mesmo local, os professores entregaram o roteiro onde havia um mapa. Ao serem solicitados a acompanhar o roteiro pelo mapa, todos pareceram acompanhar de forma bastante atenta. O mapa é um recurso importantíssimo no estudo do meio.

“É importante que durante a atividade de estudo do meio exista um mapa a fim de que os estudantes possam se orientar durante todo o trajeto” (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, 2007 p.77)

Havia o mapa, porém não houve sistematização de seu uso. Foi possível perceber que nas poucas vezes em que os alunos foram estimulados a acompanhar o trajeto no mapa, o fizeram atentamente.

A orientação seguinte, ainda no mesmo local, foi sobre o surgimento da cidade de São Paulo e a importância do Pátio do Colégio. Neste momento, começaram conversas paralelas que somente cessaram quando o professor de História pediu que observassem um monumento presente no local, ao mesmo tempo em que explicava sua simbologia. Assim, como na explicação do roteiro, no momento em que os alunos se defrontaram com algo mais concreto, mapa ou o monumento, se concentraram e ficaram mais atentos.

Vale ressaltar a importância do papel do professor no estudo do meio. Chamar a atenção do aluno, durante o percurso, para imagens, cenas, monumentos, entre outros, colabora muito para a apreensão das informações e fatos e aumenta a sua atenção durante a realização da visita. Além disso, essas atividades de observação devem colaborar para que o aluno faça mais questionamentos. Essa foi uma das únicas atividades de observação propostas durante o percurso.

“A atividade de observação deve estimular o estudante a realizar mais e mais perguntas que levem ao aprofundamento do conhecimento que está sendo construído, mesmo que não sejam todas respondidas naquele momento” (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, 2007 p. 77)

Os professores pediram então que os alunos dessem uma volta no monumento e aproveitamos para perguntar-lhes se fariam um trabalho posterior sobre o estudo do meio. A maioria disse que existiria um trabalhão, porém não faziam idéia do que teriam de realizar. Alguns sequer sabiam da existência do trabalho. Esse diálogo evidenciou, mais uma vez, a falta de participação dos alunos, que deve exercer seu papel nos projetos de estudo do meio, envolvendo-se na execução das atividades previstas, o que implica, no mínimo, saber ou procurar saber quais são elas.



Figura 1: Alunos no Pátio do Colégio

Fonte: Elaborada pela autora

Os professores encerraram a explanação no Pátio do Colégio e se dirigiram com o grupo para a Praça da Sé, local da parada seguinte. Neste trajeto, percebemos alguns alunos queixando-se de que o professor falava muito, o que os chateava. No mesmo percurso, percebi alguns alunos interessados pelo Solar da Marquesa, mas não houve parada no local. Outro fato que chamou bastante a atenção dos adolescentes foi uma manifestação de bancários, no caminho.

Cabe aqui uma referência ao papel do professor durante a realização do estudo do meio, observando as reações, os interesses e as dúvidas dos alunos. São situações que vão surgindo durante o trajeto, chamam a atenção dos estudantes e poderiam ser utilizadas como propulsores para futuras discussões, que envolvessem mais estes adolescentes, já que têm como ponto de partida fatos que despertaram a atenção dos alunos. De um modo geral, durante toda a caminhada, os professores deslocaram-se à frente do grupo, deixando os alunos do meio e do final do grupo

mais desguarnecidos, mais frequentemente se reportando à pesquisadora do que aos professores.

“Os professores devem estar atentos e próximos dos alunos, observando sua atitude, esclarecendo dúvidas, auxiliando o registro” (CARLINI, 2004 p. 67)

Na Praça da Sé, novamente os professores reuniram o grupo, mas por conta do barulho local, uma vez que aqueles que estavam atrás não conseguiam ouvir a fala dos docentes. No início desta comunicação, mesmo os que não ouviam estavam quietos, mas conforme a fala se prolongava, começaram as conversas paralelas. Observamos dois alunos com fones de ouvido, e poucas máquinas fotográficas com o grupo.

Após essa parada, o grupo foi em direção ao Largo São Francisco. No caminho, iam reparando em elementos de intervenção urbana, alguns elementos arquitetônicos e havia uma curiosidade geral para tentar localizar a rua 25 de março, a partir dos pontos por onde passavam. Neste trajeto, apesar das percepções dos alunos, não houve parada alguma. Mais uma vez, os professores se mostraram distantes e pouco atentos a esses interesses e manifestações do grupo.

A parada seguinte do estudo de meio foi no largo São Francisco. O grupo foi reunido e, no decorrer da explanação bastante longa dos professores, percebemos várias conversas paralelas e, até mesmo, alguns alunos cantando ao som de fones de ouvido. É interessante comentar que havia pouco material para registro, como câmeras fotográficas, porém aparelhos de música eram constantes durante o trajeto e nas falas mais alongadas dos professores. Quando não eram os aparelhos de som, era o som das conversas que aumentava.

Isso denota uma certa imperícia dos professores, que no planejamento do estudo do meio deveriam selecionar aspectos significativos para sua fala e mesmo

escolher locais mais adequados para elas (em alguns pontos, por força do barulho da cidade, a fala tornava-se inaudível).

Há falhas também no papel dos alunos, que não respeitaram as normas estabelecidas e não concentraram seus esforços no desenvolvimento da investigação. O trabalho poderia ser mais produtivo se houvesse um contrato pedagógico, elaborado antes da saída do grupo, durante as aulas, e não na chegada ao local do estudo do meio, como foi feito. No local, caberia aos professores reafirmar este contrato, fazendo os alunos perceberem a sua importância para a realização do estudo do meio.



Figura 2: Alunos dispersos durante a explicação do professor

Fonte: Elaborada pela autora



Figura 3: Alunos dispersos durante a explicação do professor
Fonte: Elaborada pela autora

Na seqüência, o grupo entrou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e, em seguida, caminhou em direção ao *Shopping Light* e ao Teatro Municipal. Neste trajeto, o professor de História comentou sobre a preparação do grupo para o estudo do meio, considerando que talvez tenha sido falha. Isso evidencia a importância do planejamento numa atividade como esta.

Alguns alunos entraram no *Shopping Light*, em direção aos banheiros, enquanto a outra parte do grupo ficou esperando na calçada do Teatro Municipal. Os alunos já estavam visivelmente cansados e, até por conta disso, notamos uma maior acomodação do grupo.

Assim que o grupo apresentou-se completo, os professores começaram a falar e a duração desta fala deixou os alunos dispersos. Mais uma vez, muitos prestavam atenção em peculiaridades de transeuntes, destinando pouca atenção à fala dos professores. Mais uma vez, essas observações passaram despercebidas

pelos professores. Neste local, na escada do Teatro Municipal, surgiu uma das primeiras perguntas acerca do estudo do meio. Um dos alunos inquiriu a respeito do *Mappin*, antiga loja de departamentos, que se localizava ali próximo, na Praça Ramos de Azevedo. Esta é mais uma falha no papel dos alunos. Durante um trajeto tão rico, tão diversificado, o surgimento de pouquíssimas questões demonstra sua falta de envolvimento no projeto.



Figura 4: Alunos em frente ao Teatro Municipal

Fonte: Elaborada pela autora

O grupo seguiu em direção ao Vale do Anhangabaú, bastante disperso e pouco atento à fala dos professores. Durante todo o percurso, não havia aluno algum com caderneta de campo, ou algo do gênero, fazendo anotações. Isso chamou bastante atenção, já que de acordo com as orientações do Caderno da Prefeitura este é um documento de registro importantíssimo:

“O caderno de registro de campo é um instrumento fundamental para organizar e ampliar a capacidade de interpretação dos estudantes.” (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, 2007 p. 75)

Ainda sobre a importância deste registro:

“As informações podem ser anotadas em fichas de campo ou caderno de campo. Esses cadernos de campo devem ser analisados pelo professor durante o estudo, para reorientação apoio à aprendizagem e também no final da pesquisa para a avaliação” (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, 2007 p. 76).

Perguntado sobre a necessidade de registro, o professor de História disse que somente solicitou que levassem máquinas fotográficas e que havia apenas o interesse de buscar o olhar do educando.

A parada seguinte foi no Edifício Altino Arantes, mais conhecido como o “Prédio do Banespa”. Ocorreu então mais um imprevisto: sem o agendamento da subida do grupo ao terraço (motivo da parada no local) não foi possível subir com todos os alunos de uma só vez. A solução foi dividir os alunos em dois grupos: um grupo ficou no prédio, e o outro se dirigiu ao CCBB (Centro Cultural do Banco do Brasil), já que este ponto também fazia parte do roteiro. Acompanhamos então o segundo grupo, já que este estava com o professor de Geografia.

O grupo, neste momento, dividido, com cerca de 20 alunos, mostrou-se mais tranquilo e coeso. Notamos poucas conversas paralelas, e os alunos prestaram mais atenção ao entorno, passando a perceber detalhes da paisagem urbana. O professor de Geografia então comentou com este grupo que a intenção do estudo do meio era mostrar o centro da cidade de uma forma geral, para tentar atrair o olhar dos alunos e os motivar a retornar, por conta própria.

No CCBB, o subgrupo se mostrou interessado e centrado. Alguns alunos comentavam sobre a beleza e, ao mesmo tempo, a desvalorização do centro da

cidade de São Paulo. Este grupo, após sair do CCBB, foi para o Prédio do Banespa e lá precisou ser dividido mais uma vez, por conta da falta de agendamento.

Dessa forma, foi solicitado à pesquisadora que acompanhasse um subgrupo de 11 alunos. Este se comportou de modo ainda mais tranquilo. Os alunos gostaram muito da visão que tinham do terraço do edifício e perguntaram sobre os pontos por onde tinham passado. O grupo se mostrou muito atento. Na descida do terraço, já na rua, o grupo voltou a juntar-se e muitos alunos reclamaram estar famintos.

Aqui cabe considerar o papel da escola na realização destes projetos. No processo de acompanhamento das aulas anteriores ao estudo do meio, pudemos perceber que essas saídas causam certos problemas para a escola.

Os professores devem preferencialmente marcar as saídas fora de período de aula, pois muitos pais se queixam dos filhos “perderem aulas”. Entre a equipe escolar, os estudos do meio também causam certo mal-estar, já que significam professores longe da escola, salas com professores substitutos (que se queixam, pois muitas vezes não conhecem as turmas), inspetores incomodados com essa realocação e com a bagunça que, segundo eles, isso causa. Ou seja, não há um consenso quanto ao favorecimento dessas atividades, a não ser entre os seus participantes. Não há uma visão global dos aspectos positivos que a metodologia pode trazer. Os professores envolvidos neste estudo do meio pesquisado contaram-nos que, em várias oportunidades, a escola envia os inspetores de alunos para acompanharem as turmas, evitando o ônus da falta de professores. Estes inspetores pouco sabem a respeito das temáticas em estudo e são meros “cuidadores” dos alunos durante os percursos.



Figura 5: Alunos e pesquisadora no terraço do edifício Altino Arantes
Fonte: Elaborada pela autora

A parada seguinte do grupo foi no Mercado Municipal, após rápida passagem pela rua 25 de março, pelo receio dos professores com a intensa movimentação do local. No Mercado Municipal, o grupo parou em frente a uma de suas portas, para ouvir as orientações dos professores. O professor de Geografia explicou que, além de almoçar, os alunos deveriam realizar duas entrevistas, com comerciantes e visitantes do local. Nesta entrevista, os alunos deveriam investigar o que os entrevistados pensavam acerca do Mercado Municipal e do próprio centro como um todo.

Foi estabelecido um horário para o grupo se encontrar e, durante o tempo em que os acompanhei, percebi o grupo empenhado e animado nas entrevistas. Na saída, o professor mandou que guardassem as anotações, pois trabalhariam com elas posteriormente em sala de aula. De acordo com a nossa percepção, este foi o ponto mais positivo do estudo do meio. Tínhamos agora um grupo faminto, cansado,

mas ao mesmo tempo atento e interessado. A partir do momento que lhes foi solicitada uma atividade, uma tarefa em que eles seriam os protagonistas e não somente os receptores da informação, os alunos se interessaram e passaram prontamente à ação, mesmo sob condições adversas.

“Para o trabalho com o método de estudo de campo é preciso decifrar a linguagem da paisagem, a linguagem das formas dos objetos, dos movimentos muito ocultos e não tão evidentes, etc. A leitura da paisagem por meio de estudos in lócus nos leva a compreensão dos fatos e objetos empiricizados e sua relação com a nossa vida, ou seja, a paisagem na dimensão dos lugares. O trabalho de campo é um dos principais métodos da Geografia e nos permite imergir na paisagem, dialogar presencialmente com nossas hipóteses sobre a formação e organização do espaço. Mas para permitir e construir o olhar dos estudantes é fundamental o planejamento criterioso dessa modalidade organizada de trabalho.”
(SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, 2007 p. 74)

De acordo com os professores, apesar de não completamente sistematizada, essa atividade de entrevista fazia parte do planejamento inicial do estudo do meio e eles cogitaram descartá-la durante o caminho, visto o cansaço dos alunos. Resolveram então mantê-la e o grupo gostou. Mais do que isso, o grupo se envolveu. Alguns alunos foram fazer as entrevistas antes de almoçar, dada a empolgação gerada com a atividade. No momento em que encontravam os professores, mostravam os trechos anotados e comentavam animados sobre os resultados das entrevistas.



Figura 6: Alunos entrevistando freqüentadores no Mercado Municipal
Fonte: Elaborada pela autora



Figura 7: Aluna mostra entrevista realizada ao professor
Fonte: Elaborada pela autora

Após a saída do Mercado Municipal, o grupo encaminhou-se para a Estação da Luz, onde se localiza o Museu da Língua Portuguesa, última parada do grupo. O trajeto foi feito rapidamente, sem paradas. No Museu da Língua Portuguesa realizava-se uma exposição sobre o escritor Machado de Assis. Foi combinado novamente um horário de saída e, antes mesmo do final, já havia alunos esperando do lado de fora do museu, ansiosos para entrar no ônibus da escola, que já estava no local.

A volta levou cerca de uma hora e foi bastante tranquila, pois o grupo se mostrava bastante cansado, por conta da caminhada. O Museu da Língua Portuguesa poderia ter sido um elemento bastante produtivo no trajeto, porém notamos que não houve uma sistematização em relação a essa etapa do estudo. Não houve uma orientação prévia da professora de português, segundo os alunos. A ida ao museu funcionou como uma atividade recreativa, sem maiores conexões com o estudo do meio realizado.

3.4 As atividades posteriores ao estudo do meio

O estudo do meio foi realizado no mês de outubro de 2008. Neste momento, a escola estava envolvida com os projetos de sua mostra cultural. A atividade pesquisada não fazia parte de nenhum dos projetos dessa mostra. Os alunos voltaram do estudo do meio e não se dedicaram muito à retomada da atividade, já que tinham de se envolver com as atividades da mostra cultural, com outros professores.

O estudo do meio foi retomado uma quinzena depois, nas aulas de Geografia e de História. Nas aulas que acompanhamos, os alunos fizeram exposições sobre a

atividade. Cada grupo tinha de selecionar e apresentar um aspecto marcante do estudo do meio. Os grupos que acompanhamos não tinham muitos registros. Como apontamos anteriormente, havia poucas máquinas fotográficas e nenhuma caderneta de campo. De um modo geral, víamos imagens iguais nas apresentações e os grupos destacaram e comentaram aspectos como trabalho informal e degradação no centro da cidade de São Paulo. Alguns grupos apontavam dados de pesquisas realizadas sobre os temas, mas sem conexão direta com a área estudada.

As entrevistas realizadas no Mercado Municipal foram retomadas. Os grupos expuseram as suas questões, relatando quem foram os entrevistados, suas respostas e reações. Houve um intenso debate em torno do tema, que envolveu não somente as entrevistas em si, mas também a opinião dos estudantes sobre as mesmas.

Além dessas exposições os alunos também entregaram relatórios, mas não tivemos acesso aos mesmos.

Nas aulas de História, segundo o professor, os alunos debateram acerca do estudo do meio e também entregaram relatórios, diversos dos solicitados pelo professor de Geografia.

Não houve atividades por parte de outros professores.

Podemos perceber, durante essas atividades pós-estudo do meio, que não houve interdisciplinaridade na retomada do trabalho. Os dois professores retomaram o estudo do meio, porém isoladamente e de certa forma, circunscrevendo as discussões somente em torno de suas áreas de estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do meio enquanto metodologia de ensino não ocorreu interdisciplinarmente durante o estudo de caso pesquisado, em uma escola particular na zona sul de São Paulo.

Percebemos problemas durante a preparação da atividade, na sua realização no centro da cidade de São Paulo e também na sua retomada, com as atividades realizadas em sala para apresentação de relatório do trabalho.

Os professores envolvidos não conseguiram realizar um trabalho interdisciplinar, que conectasse o estudo do meio a diversos elementos da realidade, trabalhando com elementos desconexos e com um planejamento que não contemplou as diversas etapas do processo, sobretudo com relação às orientações que os alunos deveriam ter acerca de postura na realização do trabalho, métodos de registro, entre outros. Não deixaram claro também a importância do estudo do meio em si e a relevância de todas as fases do processo.

A escola pesquisada parece reconhecer a importância do estudo do meio como uma forma de organização do ensino com grande potencial pedagógico, pois permite a ligação entre a teoria e a prática dentro da realidade espacial. Porém, quando se trata de organizar, apoiar efetivamente a realização dessa metodologia há um recuo por parte da escola. Há um certo mal-estar causado com as saídas das turmas e professores e as atividades não são planejadas em conjunto com os professores e equipe pedagógica, o que provoca lacunas como a dificuldade de acesso às áreas de visitação, que requeria agendamento e pagamento de taxas.

Os alunos não reconhecem seu papel dentro do processo de ensino-aprendizagem proposto pela metodologia de estudo do meio. Não atentam para os

diversos trabalhos já realizados em sua vida escolar, nem estabelecem ligações entre a teoria e a espacialidade visitada “in loco”, de forma autônoma. Esquecem que deveriam definir seus objetivos dentro do trabalho, não reconhecem a importância da atitude e postura de pesquisador no decorrer da ação, uma vez que não possuíam elementos de registro, conversarem sobre outros assuntos e se mostrarem dispersos durante o percurso. Foi necessário que os professores interferissem continuamente para orientá-los e discipliná-los.

Dessa forma, é possível afirmar que o estudo do meio, pode e deve ser um procedimento de ensino adequado para trabalhar com alunos do ensino médio, no entanto, sua utilização deve ser bem planejada em todas as etapas de seu processo. E isso não pode ser observado na experiência relatada.

Para ultrapassar dificuldades como as vivenciadas nesta e em outras inúmeras situações de estudo do meio, será necessário considerar as sugestões enumeradas a seguir, que podem ser de grande valia aos professores envolvidos neste projeto, que se esforçam em melhorar a qualidade, desempenho e aprendizagem de seus alunos, além de auxiliar outros leitores interessados em realizar estudos do meio eficientes e bem sucedidos.

- O estudo do meio deve ser uma prática construída em conjunto, entre equipe pedagógica, professores e alunos. Os roteiros devem ser construídos juntamente com os discentes, para que percursos interessantes aos mesmos possam ser também incluídos.
- O professor deve sempre se postar como mediador do processo de ensino-aprendizagem, articulando as contribuições dos alunos com os conteúdos de seu plano de ensino.

- A escola deve assumir seu papel como instituição que de fato estimula e acredita na importância do estudo do meio. Deve se responsabilizar pelo agendamento e pela organização das saídas e das atividades a serem realizadas em seu decorrer, além de prever a organização do cotidiano da escola, na ausência dos professores responsáveis pela saída, para que não haja ônus aos demais alunos, por conta da atividade.
- O aluno deve reconhecer e cumprir seu papel dentro do estudo do meio. Os professores são importantes neste processo, já que podem estabelecer contratos pedagógicos com referências a saídas em estudos do meio. Devem recordar a seus alunos com frequência os termos do contrato e da importância de seu papel no processo de construção do conhecimento individual e coletivo.
- O produto final a ser elaborada, ao menos como idéia inicial, deve ficar claro aos estudantes, para que possam se preparar e vislumbrar as etapas necessárias para elaborá-lo.
- O professor e/ou a equipe pedagógica responsável pela atividade deve deixar claro o processo de avaliação a ser realizado no decorrer e ao final do estudo do meio, definindo seus componentes e valores.
- Num estudo do meio como este, no centro da cidade como São Paulo, que oferece uma diversidade imensa de histórias, situações, o trabalho final baseado em temáticas pode ser bastante interessante. Os alunos devem se dividir em grupos e ir a campo com um tema específico para pesquisar. Esse tema deve ser observado e registrado, o que estimula a presença de anotações em campo e fotografias, por exemplo.

- Estudos do meio mais simples podem ser realizados anteriormente, em fase preparatória aos mais complexos, na forma de um estudo do bairro da escola, por exemplo. Num percurso como esse, os alunos podem ir “treinando” seu olhar, utilizando diversas formas de registro.

É preciso deixar claro, que não se tratam de receitas prontas, tampouco de um manual acerca de estudo do meio, são caminhos sobre os quais possamos refletir acerca da metodologia de estudo do meio, tão rica e com amplas possibilidades dentro do processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. C. **Caminhos e descaminhos da Geografia**. Campinas: Papyrus, 2004.

ANDRÉ, Marli Eliza; DALMAZO Afonso de. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Brasília: Líber Livro, 2005.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico: construção para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BOGDAN, Roberto e BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução de Maria Alvarez, Sara dos Santos e Telmo Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

CARLINI, A. L. Procedimentos de Ensino: Escolher e Decidir. In: SCARPATO M. (org.) **Os Procedimentos de Ensino fazem a aula acontecer**. São Paulo: Editora Avercamp, 2004.

CARLOS, A. F. A. **A geografia na sala de aula**. Coleção Repensando o Ensino. São Paulo: Contexto, 2001.

CAVALCANTI, L.S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 1998.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2000.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípios científicos e educativos**. São Paulo: Cortez, 1990.

FAZENDA, Ivani C. A. (org). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____ (org). **Novos enfoques da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____ (org) **Práticas Interdisciplinares na Escola**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2001

_____ e SEVERINO, Antonio Joaquim (org). **Conhecimento e pesquisa em educação**. Campinas: Papirus, 2001.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

PENIN, S.T.S. **Didática e Cultura: o ensino comprometido com o social e a contemporaneidade**. In: In: Amélia Domingues de Castro; Anna Maria Pessoa de

Carvalho. (Org.). **Ensinar a ensinar**. 1 ed. São Paulo: Pioneira -Thomson Learning, 2001, v. 1, p. 33-52.

PINHEIRO, Sonia P. G. Proposta pedagógica. Escola Pinheiro. Fev. 2009. Disponível em: < <http://www.escolapinheiro.com.br.html>>. Acesso em: 22 fev. 2009.

PONTUSCHKA, N.N. O conceito de estudo de meio transforma-se em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In VESENTINI, J.W. (org) **O Ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004.

SANTOS FILHO, J. C. dos e GAMBOA, Silvio Sanches. (org.). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**, 4 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Repensando a Escola para o Jovem e Adulto Trabalhador**. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1992.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Orientações curriculares – proposições de expectativas de aprendizagem**. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 2007.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

ANEXOS

- Roteiros Qualificados

Roteiro Qualificado A

ROTEIRO QUALIFICADO A – ANÁLISE DE ESTUDO DE MEIO
PESQUI SADORA: VERÔNICA PATTI
TURMA: 2 ANO D – TARDE- ESCOLA PINHEIRO

1) Sua escola realiza estudos de meio?
 sim não

2) Sua escola realiza com frequência estudos de meio?
 sim não

3) Os estudos de meio têm relação com os conteúdos estudados em sala de aula?
 sim parcialmente não

4) Você sabe o que é interdisciplinaridade? (em caso negativo pule para a questão 6)
 sim parcialmente não

5) O que você entende por interdisciplinaridade?

6) A maioria dos professores participa dos estudos de meio?
 sim parcialmente não

7) A maioria dos professores trabalha antes e depois da saída ao estudo de meio, com conteúdos relacionados a ela?
 sim parcialmente não

8) Como você pensa que os estudos de meio poderiam ser mais significativos?

Roteiro Qualificado B

ROTEIRO QUALIFICADO B – ANÁLISE DE ESTUDO DE MEIO
CENTRO DE SÃO PAULO
PESQUISADORA: VERÔNICA PATTI
TURMA: 2 ANO D – TARDE- ESCOLA PINHEIRO

1) Você irá participar do estudo do meio ao centro de São Paulo?
 sim não indefinido

2) Em caso positivo, o que o leva a participar?

3) Em caso negativo, o que o leva a não participar?

4) Em caso indefinido, o que o leva a essa indefinição?

5) Com que conteúdo o estudo de meio ao centro da cidade se relaciona?

6) Além do professor Sergei, outros estão envolvidos neste trabalho?
 sim parcialmente não

7) Em caso positivo, que disciplinas são?

8) Existe algum trabalho sendo desenvolvido antes da saída para o estudo do meio?

sim não

9) Em caso positivo, o que já foi feito?

10) Vocês fazem idéia do produto final deste estudo do meio?
 sim parcialmente não

11) Por que você considera importante este estudo do meio ao centro de São Paulo?

12) Que outras disciplinas você acha que poderiam estar envolvidas neste estudo do meio e de que forma?

ROTEIRO QUALIFICADO – PROFESSORES DE GEOGRAFIA E DE HISTÓRIA

SÍNTESE FINAL DO ESTUDO DO MEIO –IDA AO CENTRO DA CIDADE DE SÃO PAULO COM O SEGUNDO ANO DO ENSINO MÉDIO TURMA D

1 – Planejamento do Estudo do Meio

- a) Foi realizado um percurso prévio de campo, selecionando os locais significativos? Como foi feita essa seleção?
- b) Como foi planejado o período anterior ao estudo do meio? E as atividades posteriores?
- c) Você usou algum método para o desenvolvimento da capacidade de observação dos estudantes antes do estudo de meio ? Qual foi?

2 – Trabalhos anteriores ao Estudo de Meio

- a) Quais os trabalhos realizados antes da saída a campo?
- b) Foram solicitados materiais de registro (tais como gravadores, máquinas fotográficas) antes da saída?
- c) Quais os instrumentos cartográficos e documentos utilizados antes da saída?

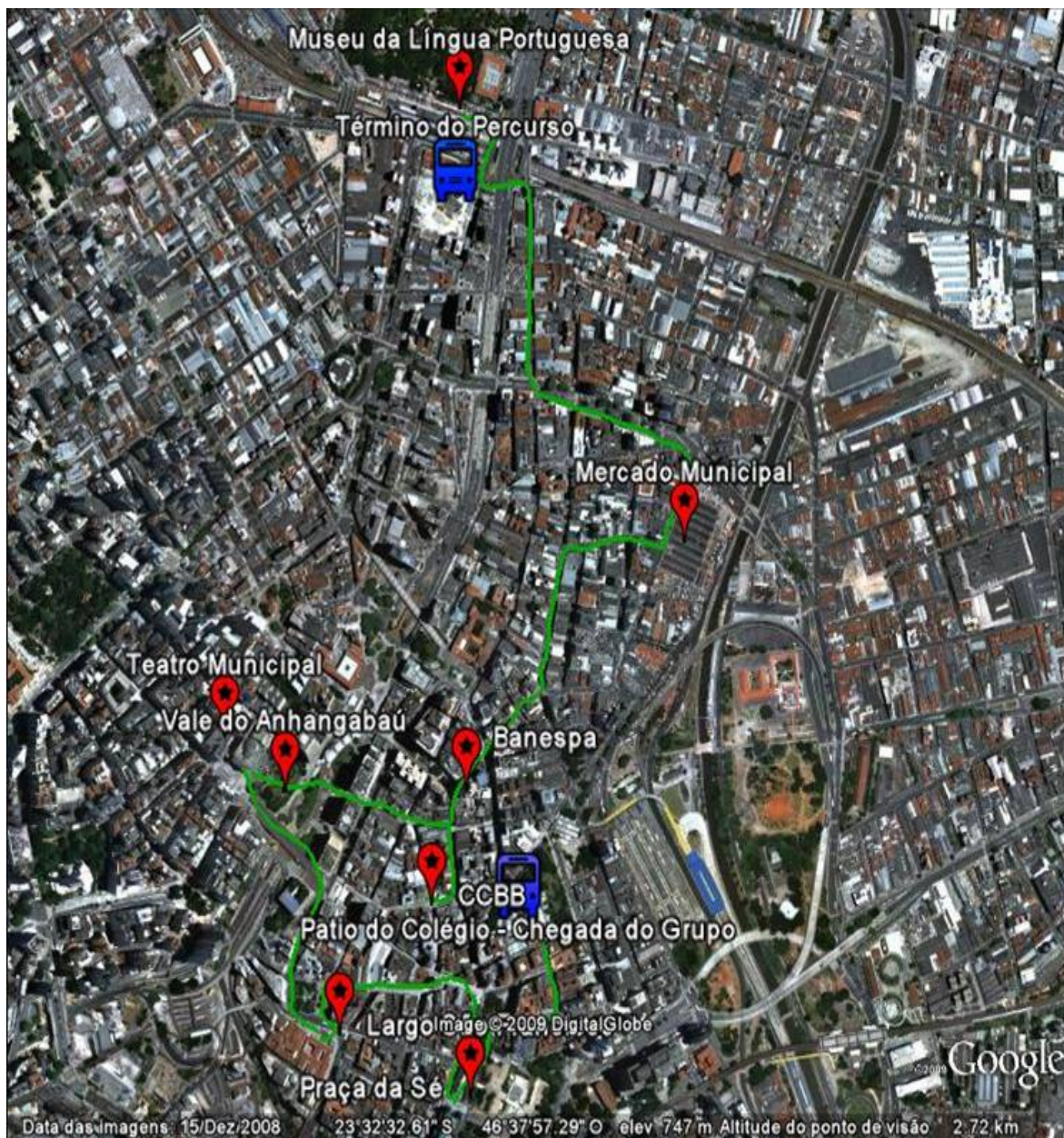
3- O Estudo de Meio

- a) Percebi que não havia um caderno de registro de campo. Houve alguma orientação neste sentido?
- b) Os alunos tinham questões prévias para serem analisadas em campo?
- c) Notei que muitos alunos não tinham idéia do produto final do estudo de meio? Como isso foi sistematizado?

4- Pós estudo de meio

- a) Existiu um produto final do trabalho? Quais as atividades finais do projeto?
- b) Pensando nesta atividade de estudo do meio e na prática realizada, de que forma você acha que ela poderia ser mais significativa?
- c) Como a escola se posicionou e de que forma ela também pode ser mais participativa em projetos de estudo de meio?

Mapa do Percurso



Fonte: Google Earth, com marcadores adicionados.

Legenda:



Pontos de Parada do Grupo



Local de Chegada e Término do Percurso



Percurso do Grupo

Croqui esquemático, sem escala definida.

